

foco nela

Programa de índio faz enfermeira salvar vida

Cristiana Castello Branco/Folha Imagem



A enfermeira Marina Villas-Bôas

ANA PAULA ORLANDI - FREE-LANCE PARA A FOLHA

Um convite cheio de segundas intenções e vindo de uma pessoa muito especial acabou levando a enfermeira paulista Marina Villas-Bôas, hoje com 63 anos, a se aventurar pelo Parque Nacional do Xingu (MT).

Na época, ano de 1963, ninguém entendia o que aquela moça tímida, que se dividia entre o trabalho com crianças carentes na Febem e o de recepcionista em uma clínica médica, iria fazer naquele fim de mundo. "Descobri o paraíso e lá consegui salvar muitas vidas", diz ela.

Primeira mulher branca a trabalhar no Xingu, ela acabou se casando com o autor do convite, o sertanista Orlando Villas-Bôas, 87, com quem vive há 40 anos e teve dois filhos.

Do período de 16 anos que viveu no Xingu, Marina guarda experiências e recordações preciosas, daquelas que só tem quem se aventura pela vida. "Na vida, o importante é ser feliz sem precisar morrer de trabalhar." Confira abaixo a entrevista.

★

"Respeitar o ser humano acima de tudo e saber que é possível ter uma vida boa com poucos bens materiais foi a maior lição que recebi durante os anos em que vivi com os índios no Xingu"

Folha - O que a senhora foi fazer no Xingu?

Marina Villas-Bôas - Fui realizar um trabalho preventivo de saúde com os índios da região. Era pau para toda obra. Passava noções básicas de higiene e também fazia partos, transfusões de sangue, pequenas cirurgias e extrações de dente. Quando cheguei, não existiam médicos nem enfermeiras no Xingu. Salvei várias vidas. Uma história de que não me esqueço foi quando precisei fazer respiração boca a boca em um bebê que havia nascido enforcado pelo cordão umbilical. Há cerca de três anos, recebi a foto de um rapaz, que hoje tem 30 anos. Chorei de emoção ao saber que era a criança que havia salvado.

Folha - Ir para o Xingu sozinha foi a maior aventura da sua vida?

Marina - Sem dúvida. Na época, não ha-

via estradas, o avião da Força Aérea Brasileira largava você lá depois de dois dias de viagem. Eu tinha 27 anos e estava isolada do mundo. Mas não me arrependi. Saí de São Paulo enfrentando trânsito e poluição e acabei encontrando um paraíso, povoado por um povo de cultura pura e com muito a me ensinar.

Folha - Aventura é fundamental para o ser humano?

Marina - Não conseguiria viver sem ela, partir para o desconhecido sem medo do que vem pela frente. Aventura movimenta o corpo e evita a estagnação. Acho que os jovens deveriam fazer o que eles querem, mas com cuidado e respeito.

Folha - Foi muito difícil se adaptar àquela realidade?

Marina - Nem tanto. Logo no início já me sentia protegida e feliz. Mas para ficar é preciso ter um objetivo bem definido. No meu caso, o que me segurou foi a possibilidade de ajudar as pessoas e desenvolver um trabalho útil. Até o paraíso tem problemas, como mosquitos e cobras. Sentia falta da família e dos amigos, de cinema e teatro, das coisas que havia deixado para trás. Mas lá descobri que a gente acaba se adaptando a tudo.

Folha - Como começou o namoro com Orlando Villas-Bôas?

Marina - Éramos amigos, e eu o admirava profundamente, mas com a convivência no Xingu comecei a achá-lo irresistível. A gente jogava buraco e ficava horas conversando. Daí você começa a observar a beleza do sorriso, o brilho do olhar, e, de repente, o pé escorrega, e a coisa começa a rolar. Começamos um namoro de virgem, como era comum na época, e nos casamos depois de seis anos.

Folha - Por que a senhora saiu do Xingu?

Marina - Voltei para São Paulo, em 1978, para colocar meus filhos na escola. O Orlando ficou no Xingu até 1984. Tínhamos um apartamento montado em São Paulo, mas a readaptação foi difícil. Você se afasta de uma cidade que continua em movimento, e, quando volta, está tudo mudado. É preciso se readaptar aos horários, ao sistema de transporte, ao ritmo frenético. Mas foi bom voltar, já que sentia falta do conforto e da tecnologia. Atualmente, uso telefone celular e adoro navegar na Internet.

foco nela

Nome: Marina Villas-Bôas

Idade: 63 anos

Profissão: enfermeira, primeira mulher branca a trabalhar no Parque Nacional do Xingu (MT), prestando assistência às tribos da região.

Filosofia de vida: "Não conseguiria viver sem me aventurar, ou seja, partir para o desconhecido sem medo do que vem pela frente. Aventura movimenta o corpo e evita a estagnação"

Folha - Qual foi a maior lição deixada pelo período no Xingu?

Marina - Respeitar o ser humano acima de tudo e saber que é possível ter uma vida boa com poucos bens materiais.

Folha - Qual é o segredo para manter corpo e mente saudáveis?

Marina - Saber que qualidade de vida não se traduz em acúmulo de riqueza. Prefiro ter uma vida modesta e o mais natural possível, não usando enlatados e consumindo produtos sem agrotóxicos. Faço ginástica em casa, caminho e nado. Gosto de relaxar a mente imaginando o rio Totuari, lá no Xingu, onde troquei o primeiro beijo com Orlando. Leio muito e converso com meus amigos. O mais novo deles é o Lúcio, 8, e o mais velho, o meu marido.

Folha - A cultura indígena exerceu grande influência na educação dos seus filhos?

Marina - Nossa relação sempre foi pautada pelo respeito e pela abertura, que são características da educação indígena. Bem que tentei, mas não consegui criar meus filhos como índios. As diferenças culturais são enormes. A criança indígena tem liberdade total, já a civilizada precisa ir à escola e ter horários definidos. Na aldeia, as mães conseguem se dedicar integralmente à maternidade, o que é difícil para uma mãe urbana em função do ritmo de vida que é obrigada a levar.

Folha - Qual é seu projeto de vida?

Marina - Abraçar uma causa voluntária e voltar a trabalhar com crianças carentes. Ajudar o próximo é uma das coisas mais gratificantes desta vida.